

**SANTOS, Milton. Pensando o Espaço do Homem / Milton Santos. - 5 ed., 3.reimpr. -  
São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. 96 p.**

Devemos nos preparar para estabelecer os alicerces de um espaço verdadeiramente humano, de um espaço que possa unir os homens para e por seu trabalho, mas não para em seguida dividi-los em classes, em exploradores e explorados; um espaço matéria-inerte que seja trabalhado pelo homem mas não se volte contra ele; um espaço Natureza social aberto à contemplação direta dos seres humanos, e não um fetiche; um espaço instrumento de reprodução da vida, e não uma mercadoria trabalhada por outra mercadoria, o homem fetichizado.

Cláudio Farias Passos  
Universidade Federal de Pernambuco  
[cbetopassos37@gmail.com](mailto:cbetopassos37@gmail.com)

A obra *Pensando o Espaço do Homem* é um dos textos que expressam a preocupação do professor Milton Santos com as nuances do espaço geográfico, bem como, as transformações ocorridas provocadas pelo homem. Está dividida em três capítulos, artigos escritos nos anos de 1977, 1978 e 1980 respectivamente. Os capítulos têm chamadas atualíssimas e são iniciados pelo "O presente como espaço", seguido por "Da sociedade à paisagem: O significado espaço do homem" e, por fim, "Reformulando a economia: A sociedade e o espaço".

Em "O presente como espaço", Milton Santos discorre sobre a ideia de tempo passado e a atualidade em dupla dimensão temporal e espacial; apoiando-se em leituras de autores como J. Brunhes, Toulmin e Goodfield, Morgenstern, G. Kubler, Stephan Hales, Bertrand Russell e Della Volpe. Para Santos, a compreensão do presente requer um esforço de "voltar às costas" (p. 14) para às categorias que o passado oferece, pois, os fatos estão a disposição e independentes, todavia, cabe ao pesquisador torná-los históricos mediante a identificação de relações de causa e efeito, ou seja sua história. Essa, definida no interior de certa estrutura social, reconhece as categorias da realidade e as de análise, dentre elas a Técnica.

Segundo Santos o período tecnológico é o mais expressivo de "nosso tempo" (p.16). Foi a técnica o intermediário entre a natureza e o homem desde muito tempo e converteu-se em objeto de elaboração científica sofisticada responsável por subverter a relação do homem com o meio, com o próprio homem e do homem com as coisas, como também o relacionamento entre classes sociais e entre nações. De modo que: a ciência, pesquisa, tecnologia e *mass média* marcam o período tecnológico.

Mas, Milton Santos inquieta-se quando discorre sobre a relação entre os instrumentos técnicos científico e seu uso pelas empresas transnacionais as quais são responsáveis pela acumulação e concentração de riqueza numa relação vertical entre o mundo desenvolvido e o subdesenvolvido (ou mesmo Norte e Sul; Centro e Periferia). Trata-se do espaço universalizado que altera as dimensões geográficas da atividade humana, já que "o mundo como espaço se torna o espaço global do capital" (p. 23).

No segundo capítulo denominado "Da sociedade à Paisagem: O significado do Espaço do Homem", Santos apresenta a ideia de Paisagem como mais ou menos duráveis e múltiplas podendo ser desde uma região produtora de algodão, café, trigo. Ou mesmo um centro urbano qualquer americano ou europeu. Para o autor o "traço comum é ser a combinação de objetos naturais e objetos fabricados, isto é, objetos sociais, e ser o resultado da acumulação da atividade de muitas gerações" (p. 53).

Ainda, conforme Santos a paisagem:

[...] representa diferentes momentos do desenvolvimento de uma sociedade. A paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos. Para cada lugar, cada porção do espaço, essa acumulação é diferente: os objetos não mudam no mesmo lapso de tempo, na mesma velocidade ou na mesma direção (p. 54).

Também a partir da paisagem, graças a sua alteração contínua, é possível acompanhar as transformações sociais. É neste íterim que Milton Santos inseriu na discussão a ideia do espaço social compreendido a partir do significado da *Forma, Estrutura e Função*, ancorado pela leitura que realizou de Lefébvre, *La production de l'espace*, de 1974. Santos defende que a condução daqueles conceitos deve ser realizada por meio de uma "análise global que possa combinar simultaneamente" as três categorias analíticas – forma, estrutura, função – porque a relação além funcional também é estrutural (p. 55). E seguindo tal raciocínio o pesquisador atento atingirá a *Totalidade*<sup>1</sup>, que supõe um movimento das categorias mencionadas e por ser dialética e concreta requer a consideração das estruturas que a formam; e conjuntas ou separadamente a reproduzem.

Assim, para Santos, tomadas tais providências ficarão claras as diferenças entre dois tipos de pesquisadores, os 'Espacialistas' que dão importância às formas e estudam o espaço em si mesmo; e 'Espaciólogos' aqueles que procuram analisar o espaço nas suas relações com a sociedade, mediante as análises do espaço e as relações com a sociedade, através "dos processos sociais, das funções e das formas" (p. 58). Ademais, este processo proporciona o significado do espaço e em vista da complexidade da divisão do trabalho, a produção espacial resulta de diversas determinações, originadas em níveis e escalas variadas, indo de simples lugares à dimensão internacional.

"Reformulando a Economia: A sociedade e o Espaço" é o texto que encerra a obra "Pensando o Espaço do Homem". Neste, escrito em fevereiro de 1980, o professor Milton Santos discute as possibilidades de "mudança radical na organização atual do espaço" que podem ocorrer em duas situações: 1. Com a modificação da natureza das relações do Estado com o sistema internacional (digam-se as empresas transnacionais, o modo de produção capitalista e a acumulação de dividendos por países desenvolvidos); 2. Com a mudança do próprio sistema internacional (p. 65). Porém, a segunda hipótese seria complementar à primeira fase do processo.

A tendência é haver mudança do período tecnológico para o período histórico. Numa perspectiva positiva, pois, a ideia apresentada é que haveria uma expansão dos espaços periféricos em função da redução

---

<sup>1</sup> Destaque para a Totalidade Social que pode ser reproduzida pelo espaço desde as transformações requeridas pelas pessoas sejam "determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas".

gradual das relações intercapitalistas; e se as formações sociais da periferia não estivessem subjugadas pelo sistema internacional "o social poderia estar em primeiro plano em relação ao econômico" (p. 66). Essa dinâmica levaria a uma produção subordinada ao consumo, o aparelho produtivo seria adaptado aos recursos naturais, inclusive à população. Assim, as necessidades estariam em função de dados locais e não a modelos exteriores e o papel do monopólio seria eliminado, reduzido ou controlado, ainda, o Estado tornar-se-ia socialmente rico e distribuidor de serviços em todo o território, entre outras mudanças.

Igualmente, Milton Santos argumenta que é necessário mudar o modelo de crescimento econômico o qual é responsável pela riqueza e pobreza dos espaços e das pessoas. São realidades opostas, embora complementares, pois uma não pode existir sem a outra. Portanto:

O problema de eliminar a pobreza, isto é, de suprimir as diferenças de renda criadas por um processo produtivo gerador de desigualdades, supõe uma mudança no próprio processo produtivo, o que vale dizer, das relações do homem com a natureza e dos homens entre si (p. 89).

Ainda, o crescimento deve subordinar-se aos dados de cunho social. E citando Ul Haq (1973, p. 4), defende que não se trata de quando e com que rapidez a distribuição é feita, mas, sobretudo como e para quem é distribuída. Faz-se alerta sobre a política de consumo em detrimento da produção que pode ocasionar a penúria e à necessidade de recorrer ao exterior para o abastecimento de bens de consumo essenciais do dia a dia das famílias, inclusive alimentos. Também pondera que é possível eliminar o atraso e sair do subdesenvolvimento<sup>2</sup> com "política econômica bem-pensada" a qual privilegie o mercado interior com produção viabilizada pelas reais necessidades da maioria da população, desprezando-se produção autônoma, estreitando o consumo da sociedade como um todo (p. 69). Uma segunda ideia, defendida, é a substituição da economia de *fluxos* pela economia de *estoques*. De maneira que ocorreria, entre as cidades, a diminuição das distâncias tecnológicas e tipos de capital investido, culminando em aumento do consumo global atrelada a baixa de preços.

Por conseguinte, Milton Santos menciona também que a materialização desse processo irá demandar um período de transição onde o Estado poderia remediar certos inconvenientes subvencionando os custos das empresas marginais. Bem como, patrocinar um modelo econômico mais voltado para "dentro liberaria cada homem e o país inteiro das múltiplas formas de dependência: econômica, técnica, cultural" (p.80).

De modo a permitir uma política legitimamente de polos de desenvolvimento tanto econômico como social e visão democrática, rumando para novo papel das formas espaciais – são as condições para que a História aconteça, pois, as formas antigas permanecem como a herança das divisões do trabalho no tempo passado, já as novas surgem como exigência da divisão do trabalho atual ou recente. Bem como, contribuem para a reconstrução do espaço sem desigualdades sociais, sendo consequência de novo Espaço para o Homem.

É necessário que façamos, a título de conclusão, algumas observações sobre a obra em tela. É clara sua relevância graças às questões apresentadas nos artigos que a compõe. As diversas reedições ratificam

---

<sup>2</sup> Sugerimos a leitura de Ruy Mauro Marini – “A dialética da dependência” pela Editora Vozes, 2000 – caso o leitor necessite conhecer um outro olhar sobre o subdesenvolvimento e o capitalismo dependente da América Latina.

sua atualidade e instigam o leitor; nossa humilde opinião é que o tempo não desatualizará a obra de Milton Santos, pelo contrário tal temática mantém estreita relação com a discussão que fazemos na academia sobre a ciência geográfica e seu papel social.

E quão pobre seremos, caso privemos outros colegas, geógrafos ou demais pesquisadores das ciências sociais e aplicadas de ter contato com os escritos do professor Milton Santos. Acredito ser obrigação nossa, estudante, pesquisador, professor e demais admiradores retomar sempre que possível, a obra do baiano de Brotas de Macaúbas (BA) que buscou e nos ofereceu uma “filosofia da geografia”. Igualmente, como disse ele outrora "o pesquisador não tem obrigação de saber ou conhecer tudo", mas, de dar pistas para que outros continuem o processo.

Assim, este singelo resumo oferece "pistas" sobre um dos autores clássicos da Geografia nacional.

### **Bibliografia de apoio**

SANTOS, Milton. *Da totalidade ao Lugar* / Milton Santos. – 1. Ed., 3 reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

PÉRICAS, Luiz B. (et. al.). *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados* / organização Luiz Bernardo Pericás, Lincoln Ferreira Secco. – 1. Ed. –São Paulo : Boitempo, 2014.

Agradecimento ao Prof<sup>o</sup> Alcindo José de Sá (PPGEO-UFPE) pela leitura deste texto e relevantes sugestões.